



LER EM FAMÍLIA, LER NA ESCOLA, LER NA BIBLIOTECA: BOAS PRÁTICAS

CRISTINA VIEIRA DA SILVA
MARTA MARTINS
JOANA CAVALCANTI

VERSÃO COMPLETA EM [HTTP://REPOSITORIO.ESEPF.PT/HANDLE/10000/665](http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/665)

PAULA
FRASSINETTI



A importância de contar histórias

CLÁUDIA DIAS¹

IVONE NEVES²

Resumo

De forma a colaborar para a partilha de experiências no âmbito da Educação Pré-escolar, o presente artigo pretende apresentar um projeto de investigação, desenvolvido num contexto de estágio profissionalizante do Mestrado em Educação Pré-escolar no ano de 2010/2011, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Tem como propósito analisar a importância de contar histórias no contexto da Educação pré-escolar para o desenvolvimento integral da criança, assim como conhecer a perceção dos pais sobre a importância das histórias no Jardim de infância.

Palavras-chave

Contar histórias;
formar leitores.

Abstract

This article presents an investigation project developed in the context of a professionalizing internship of a master degree in pre-school education in the year of 2010/2011, at Superior School of Education Paula Frassinetti. It has the purpose of analyzing the importance of storytelling in the context of pre-school education to the full development of the child, as well as, to know the parents perception about the importance of story telling at the kindergarten.

Keywords

Storytelling;
Building readers.

¹ Cláudia Dias, Escola Superior de educação Paula Frassinetti
claudiadias23@hotmail.com

² Ivone Neves, Escola Superior de educação Paula Frassinetti
ivone@esepf.pt

Introdução

O objetivo deste trabalho está centrado na investigação da construção do leitor fluente a partir da vivência no Jardim de infância, no universo da literatura, onde se pontua a importância da prática de contar histórias. O grupo de crianças em questão revelava um gosto particular por ouvir/contar histórias, pela dramatização das mesmas e por recitar poesia. Assim, surgiu a necessidade de conhecer a perceção dos pais das crianças da sala dos 5 anos, da instituição onde decorreu o estágio, sobre a importância de contar histórias no contexto de Jardim de infância. Recorreu-se à técnica da entrevista semiestruturada, à análise documental dos documentos da instituição, bem como à revisão bibliográfica sobre a temática a investigar.

Graças à natureza do estudo, considerou-se pertinente recorrer ao método de análise intensiva, dado que fornece uma abordagem qualitativa da realidade. Desta forma, o estudo de caso ou a análise intensiva distingue-se por uma grande agilidade quer ao nível da seleção das técnicas a empregar, pela profundidade do estudo que é possível obter, quer pelas várias dimensões que permite analisar.

As histórias

Através das histórias, a criança tem a oportunidade de enriquecer e alimentar a sua imaginação, ampliar o seu vocabulário, permitir a sua autoidentificação, desenvolver o pensamento lógico, a memória, estimular o espírito crítico, vivenciar momentos de humor, diversão, satisfazer sua curiosidade e adquire valores para sua vida. Com base em Machado (1994), uma história é um recurso psicopedagógico que abre espaço para a alegria e o prazer de ler, compreender, interpretar a si próprio e a realidade. O ato de contar histórias permanece tão ligado à vida e ao imaginário que, como refere Irene Machado, “o ato de narrar, de contar e recontar, torna-se um impulso natural do ser humano”. (1994:12). Para Abramovich (2004), contar histórias é muito importante, pois, para além de ajudar na formação das crianças, estimula-as a tornarem-se leitores, abrindo caminho para um mundo infinito de descobertas e de compreensão do mesmo, demonstrando concordância com Daniel Pennac que considera que “ao ler uma história muito se compromete: envolvimento emocional; estimulação da imaginação através da visualização mental das personagens; o cenário onde estas se movem e todo o enredo”. (1993:17). A atividade de ler e contar histórias permite o alargamento do vocabulário da criança e a construção de no-

vos significados, contribui indubitavelmente para aumentar os seus conhecimentos sobre todos os aspetos da língua. Segundo Vilas-Boas, “este desenvolvimento linguístico influencia o desenvolvimento das capacidades da leitura e da escrita, que, por sua vez, interagem com a linguagem, determinando um tanto maior desenvolvimento linguístico como o da leitura e da escrita” (2002:81).

Nesta medida, formar leitores é uma tarefa que começa com o nascimento e antes da escola formal. A mesma opinião é partilhada por Ramiro Marques, referenciando que tal atividade é importante “para o desenvolvimento da linguagem da criança e para a compreensão do mundo físico e social (...) para o conhecimento das regras da escrita na idade pré-escolar” (1991: 33).

Considera-se, então, que o Jardim de infância deve proporcionar experiências literárias diversificadas e ricas para a construção de leitores. Contudo, sendo a família uma parceira de todo o processo educativo, e segundo Manzano (1988:113), a família “é o lugar privilegiado para a criança despertar o interesse pela leitura”.

Organização metodológica

Ao optar por um estudo de caso, evidencia-se um interesse relevante em estudar um caso concreto. Atendendo ao objetivo de estudo, formulou-se a pergunta de partida - Qual a importância de contar histórias na Educação Pré-escolar? E qual a perceção dos pais sobre a importância de contar histórias na Educação Pré-escolar? Para complementar este método, recorreu-se à utilização de entrevista semidireta e à sua respetiva análise, como metodologia. No presente estudo, a amostra foi constituída por três pais de crianças que frequentavam a sala dos cinco anos, na instituição onde decorreu o estágio, sendo por isso uma amostra reduzida, selecionada segundo o critério de idade e profissão, tornando-se assim, numa variável qualitativa.

A idade dos pais situava-se entre os trinta e cinco e os quarenta anos, tendo estes habilitações distintas e ocupando cargos como professor do 1º ciclo, engenheiro civil e outros quadros superiores.

Análise dos dados

Correspondendo a investigação a um estudo explicativo acerca da perceção que os pais têm sobre a importância de contar histórias no Jardim de infância, houve a ne-

cessidade de recorrer à utilização do método de análise qualitativa, nomeadamente na análise das entrevistas. De forma a responder aos objetivos de estudo, surge a aplicação dos procedimentos metodológicos e os respetivos resultados, que permitem concluir que o ato de contar histórias, no jardim de infância, pode ser um caso de sucesso.

Assim, constatou-se que todos os entrevistados concordaram que contar histórias em contexto de jardim de infância é essencial para o desenvolvimento das crianças, (“Muito importante! Promove a concentração, a observação, aprendem novas palavras... Julgo que é uma atividade imprescindível”), existindo porém, algumas discrepâncias, quanto à regularidade, uma vez que dois dos entrevistados concordaram que deveria ser uma prática diária com duração máxima de 20 a 30 minutos, (“Todos os dias. Penso que se não for assim, nunca mais este país vai para a frente!”). Saliaram ainda a importância de recorrer a livros que promovam a reflexão, com especial destaque para os autores portugueses.

Atividades desenvolvidas

Aproveitando a existência do Projeto Lúdico que se desenvolveu na sala de atividades, a dinamização da “Biblioteca - Era uma vez”, ocorreu obrigatoriamente uma interdisciplinaridade entre todas as áreas e domínios de conteúdo. No decorrer do projeto, utilizou-se, como estratégia, o momento de contar histórias, poesias e lengalengas, como tema motivador para as outras descobertas e aprendizagens. Serviu ainda de ferramenta pedagógica quer na formação do caráter, na formação intelectual e social da criança, sendo assim, um pilar para despertar na criança a imaginação, a empatia, a criatividade, a concentração, o desejo pela leitura e até mesmo o gosto pela escrita.

Pactua-se com Elvira Moreira dos Santos quando refere considerar correto “ encarar a leitura como um hábito, quando, através de um prática repetida ou prolongada, ela se instala como uma atitude integrada na própria vida da pessoa” (2002:69).

A poesia permitiu ainda trocar experiências pessoais a partir de um poema que tenha sido vivido, como o Dia da Alimentação. Transformaram-se poemas em canções, como a canção do “Outono” ou da “Borboleta”. Descobriram-se ritmos ao recitá-los em voz alta e em grande grupo. As escolhas dos poemas permaneceram adequadas ao

nível do desenvolvimento das crianças, sendo recitadas com sentimento, gesticulando as ações e explorando o significado das palavras. Como forma de ampliar o conhecimento, era habitual apresentar uma breve biografia do autor e, sempre que fosse possível, uma fotografia do poeta. No final, as crianças desenvolviam atividades espontâneas, como reescrever a poesia, fazer dramatizações, pinturas e desenhos, relacionados com o texto. Segundo Abromovich (2004), existem histórias que requerem, indispensavelmente, a apresentação do livro, pois a ilustração completa e a imagem é tão rica quanto o texto, em histórias como “Os três reis do Oriente”, de Sophia de Mello Breyner. Esta exposição, além de incentivar o gosto pela leitura, contribuiu também para desenvolver a sequência lógica do pensamento. De acordo com Bruner (1980), é através da narrativa que as crianças dão sentido ao mundo e à experiência, quer através de conversas, de contar histórias, dos jogos ou de atividades na expressão plástica.

Outra forma de apresentar histórias surgiu através de narrativas com imagens. Antes da narrativa se iniciar, empilharam-se as imagens por ordem, viradas para baixo e, à medida que se conta a história, as imagens são apresentadas ao grupo, recorrendo a movimentos suaves, substituindo uma imagem por outra no momento exato. Tal como sugere Betty Coelho, a visualização de imagens permite que as crianças “observem detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitará mais tarde a identificação da ideia central, fatos principais, fatos secundários, etc.” (1997:39). Graças aos contos apenas com imagens, as crianças que ainda não dominam a leitura são “levadas” para o mundo mágico do faz de conta, através das ilustrações, das cores, das personagens expressivas.

Permitiu ainda às crianças, posteriormente, imaginarem a sua própria história, “olhando devagarinho ou depressa, formando e imaginando mil e uma histórias”. (Abramovich, 2004:29), facto que originou um desenvolvimento acentuado a nível gráfico, no grupo de crianças. Estas evoluções foram observáveis, graças aos registos individuais e coletivos, como, por exemplo, na construção do livro “O Pato e o Sapo”, que foi criado pelo grupo, partindo apenas dos objetos presenciais. O grupo construiu a história, ilustrou-a e encadernou-a, de forma a criar um livro a ser incluído na Biblioteca.

No decorrer do ano letivo, foram ainda trabalhadas algumas lengalengas também com o objetivo de desenvolver a consciência fonológica - treino da discriminação

auditiva, desenvolvimento da consciência de palavra e desenvolvimento da consciência silábica. Estas atividades fomentaram nas crianças a abordagem à escrita através dos vários tipos de registos realizados. Após esta intervenção, as crianças desenvolveram competências: conseguiam, através da divisão silábica, escrever algumas palavras, usando como auxílio o quadro das letras exposto na sala.

Realizaram-se inúmeras dramatizações, tendo como ponto de partida os contos e as histórias apresentadas, umas vezes sugeridas pelo adulto, outras pelo grupo de crianças, sem a intervenção do mesmo, no sentido de facilitar experiências criativas individuais e de grupo, assim como para desenvolver as habilidades motoras e a socialização. Também nas sessões de expressão motora, as histórias e contos foram uma estratégia para facilitar a exploração de novos desafios e, principalmente, na parte de relaxamento, sendo a compreensão das suas próprias emoções “importante para o processo de socialização. Ajuda as crianças a controlar a forma como mostram os seus sentimentos e a serem sensíveis aos sentimentos dos outros.” (Papalia, Olds, Feldman, 2001:353). Sempre que a criança ouve uma história, extravasa a sua fantasia e, além de incentivar a sua criatividade, tal permite explicar e incutir modelos de ação, que a criança incorpora na sua relação com o meio social, ao mesmo tempo que constrói conhecimentos. Graças a essa apropriação, considera-se pertinente ressaltar o facto de ter promovido no grupo uma assimilação do comportamento adequado da resolução de conflitos, pois, como menciona Leite (2011), as histórias fazem parte de seu universo simbólico. Através deste projeto, desenvolvemos ainda a “Hora do conto”, convidando todas as salas da instituição e criando, assim, uma forte interação dentro da instituição. Estas sessões da “Hora do conto” contaram com a participação da Professora Joana Calvacanti, que, no seu livro “Caminhos da literatura infantil e juvenil” (2002), afirma que os contos permitem à criança imaginar, sendo necessário deixá-la livre para poder aprender a ser autónoma e usar a sua criatividade.

O discurso oral das crianças deste grupo evoluiu em grande número. Foi observável na aquisição de vocabulário novo, na utilização correta dos artigos definidos, do género das palavras, assim como, do plural. Revelaram ainda capacidades de se autocorrigirem, o que, segundo Inês Sim-Sim, “são os primeiros indicadores de um nível superior de conhecimento que indicia já al-

guma consciência linguística” (2008:25).

No final do ano, estas crianças apresentavam-se mais hábeis nas conversas, conseguindo “captar a atenção do adulto, exprimir afectos, competir, convencer e obedecer de forma socialmente mais adequada” (Sim-Sim: 2008:24).

Também foi evidente a desenvoltura a nível do desenvolvimento sócio-moral. O trabalho desenvolvido em pequenos grupos na vivência do projeto lúdico promoveu o desenvolvimento de atitudes de relação com os outros e de cada criança consigo própria.

Bruner (1980:70) encara a linguagem como um “processo importante para a interação da pessoa com o meio cultural”. Neste sentido, a linguagem passa a ser um meio de transmissão de valores, contribuindo para a formação do pensamento e das relações sociais. Com o passar do tempo, graças ao trabalho em equipa e à responsabilidade implicada que cada criança aplicou, não só nos trabalhos associados ao projeto lúdico, como nas restantes atividades, este tornou-se um grupo coeso, responsável, empenhado, revelando preocupação e sensibilidade com os outros. É através destas interações que as crianças ensaiam os alicerces das relações humanas, facilitando a formação de imagens construtivistas de si próprias e dos outros.

nou-se consciente a importância de contar histórias, fundamental para o desenvolvimento intelectual das crianças, ao despertar a imaginação, a compreensão, o interesse pela leitura e, em simultâneo, contribuir para que no futuro sejam cidadãos críticos.

Considerações finais

A vivência e exploração deste tema proporcionaram numerosos ganhos, desde aquisição de conhecimentos por parte das crianças e por parte da equipa pedagógica. A participação das famílias e o envolvimento da instituição foram essenciais para esta constatação, dado que permitiram este projeto voar mais alto, nomeadamente com a participação das famílias quer na aquisição de livros para a biblioteca quer nas visitas de estudo.

A evolução do grupo foi notória desde no aperfeiçoamento do carácter, na formação intelectual e social, quer ao nível coletivo quer individual. Graças aos momentos de contar histórias, o grupo alcançou um estado permanente de imaginação, empatia, a criatividade, concentração, surgindo naturalmente o desejo pela leitura, e até mesmo o gosto pela escrita, o que, sendo um grupo de cinco anos, foi essencial para a articulação com o 1º ciclo do ensino básico.

Desta forma, foi possível constatar a realidade que, enquanto profissional, confirmou as expectativas e os pressupostos teóricos. Através desta investigação, tor-

Referências bibliográficas

- Abramovich**, Fanny. (2004). *Literatura Infantil*. São Paulo: Scipione.
- Bruner**, J. (1980). *Investigaciones sobre el desarrollo cognitivo*. Madrid: Pablo del Rio Editor.
- Calvacanti**, Joana. (2002). *Caminhos da literatura infantil e juvenil- Dinamicas e vivencias na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus Editora.
- Coelho**, Betty. (1997). *Contar Histórias uma Arte sem Idade*. São Paulo: Scipione.
- Edwards**, C.; Gandini, L.; Forman, G. (1999). *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Artmed.
- Ketele**, Jean-Marie De; Roegiers, Xavier (1999). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Marques**, Ramiro. (1991). *Ensinar a ler aprender a ler, Um guia para pais e Educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Machado**, Irene. (1994). *Literatura e Redação*. São Paulo: Scipione.
- Mazano**, Mercedes G. (1988). *A criança e a leitura*. Porto: Porto Editora.
- Papalia**, Diane; Olds, Sally Wendkos; Feldman, Ruth Duskin. (2001). *O Mundo da Criança*. Ohio: Editora Mc Graw Hill.
- Pennac**, Daniel. (1993). *Como um romance*. Lisboa: ASA.
- Quivy**, R.; Campenhoudt, L.van. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sim-Sim**, Inês; Silva, A.C.; Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no Jardim de Infância*. Lisboa: DGIDC- Ministério da Educação.
- Stake**, R. (1998). *Investigación com estúdio de casos*. Madrid: Morata.
- Villas-Boas**, M. A. (2002). *Leitura de histórias: o contributo da dimensão sócio-afectiva*. In Viana, F. L.; Martins, M. (coord.) *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração – Investigação e prática docente*.